

O 11 de Setembro, Direitos Humanos e as Mulheres: futuros desafios

Charlotte Bunch (*)

Quando converso com feministas de outros países, sejam da Europa ou da América Latina, elas, insistentemente, me perguntam: “Onde estão as vozes do movimento de mulheres norte-americano contra o que a administração Bush está fazendo globalmente, usando como desculpa a necessidade de reagir aos atentados do dia 11 de setembro de 2001?”

Está claro que a atuação das feministas nos Estados Unidos não tem um grande impacto na política externa norte-americana, orientada por interesses militares e empresariais. Ainda que Bush utilize o argumento dos direitos das mulheres no Afeganistão para buscar apoio a sua guerra, esta posição não levou a um compromisso sustentável com as mulheres afegãs. É intrigante, para muitos fora dos EUA, observar como um movimento de mulheres que teve uma influência tão profunda na nossa cultura e no nosso cotidiano tenha tido tão pouco efeito, ou mesmo preocupação com a política externa norte-americana e seu impacto sobre as mulheres em todo o mundo.

Ressentimento e raiva em relação aos EUA são um sentimento comum em muitas outras nações, em parte resultante do fato de que o 11/09 não é visto como um momento crucial para o restante do mundo – ao menos no que diz respeito ao que aconteceu concretamente naquela data. Em muitos lugares, as pessoas convivem há muito tempo com o terrorismo, a violência e a morte em escalas tão grandes ou maiores do que o ocorrido em 11 de setembro.

Certamente, o 11 de setembro foi um momento crucial para os EUA. A forma, porém, pela qual entendemos este acontecimento num contexto global é importante. Em primeiro lugar devemos reconhecer que a resposta dada pelo nosso governo não era inevitável. Este evento poderia ter conduzido o país a outras direções, incluindo uma maior solidariedade com o sofrimento dos outros, uma maior preocupação com a segurança humana e as condições que levam a expansão do terrorismo e um reconhecimento da importância das instituições multilaterais, num mundo globalmente interligado. Esta postura, porém, teria pressuposto uma liderança nacional muito diferente. Ao invés disso, o evento se tornou o motivo para uma escalada da agenda retrógrada de Bush tanto no plano nacional ou internacional, incluindo o exercício mais irrestrito do poder norte-americano e o descaso com o multilateralismo. Outros governos também usaram a ocasião para aumentar o gasto militar e fragilizar o apoio aos direitos humanos. Neste sentido, o 11 de setembro tornou-se um momento crucial em função da forma como foi utilizado. Entretanto, os elementos destacados no 11 de setembro não são novos e foram utilizados em vários outros eventos antes e depois daquele momento.

Na verdade, o 11/09 ampliou o alcance de muitos temas pelos quais as feministas já estavam se mobilizando globalmente, tais como: a crescente desigualdade econômica no plano nacional e internacional, produzida pela globalização, ajuste estrutural, privatização etc.; a emergência de expressões religiosas extremistas e/ou “fundamentalismos” nacionalistas que ameaçam o progresso dos direitos das mulheres em todo o mundo (inclusive nos EUA), em nome de várias religiões e culturas; a escalada da violência e do terrorismo racista e sexista na vida cotidiana e o aumento da exploração econômica e sexual e do tráfico de mulheres no mundo; um aumento da venda de armas, militarismo,

guerras, conflitos internos e terrorismo que afetam ou têm como alvo a população civil, e ameaçam a vida de mulheres e crianças.

Como o 11/09 foi usado para enfraquecer os direitos humanos – incluindo a liberdade de expressão – em nome da “segurança nacional”, terminou por adicionar um senso maior de urgência a estas preocupações, mas também tornou mais difícil aborda-las de maneira eficaz numa perspectiva feminista.

As mulheres têm sido o principal alvo do terrorismo fundamentalista, seja na Argélia ou nos EUA, ao longo das últimas décadas. E foram principalmente as feministas que lideraram as críticas a este crescente problema global – focalizando sua atenção não apenas no fundamentalismo islâmico, mas também no fundamentalismo protestante nos EUA, nas sociedades católicas conservadoras como a Opus Dei na América Latina, os fundamentalistas hindus na Índia, entre outros.

Os eventos do 11 de setembro deveriam ter gerado tentativas de abordar as ameaças reais aos direitos humanos das mulheres colocados pelo fundamentalismo, terrorismo e conflito armado em muitas faces. Ao invés disso, a ocasião foi utilizada para demonizar o “Outro Islâmico” e justificar a militarização crescente da sociedade e a redução das liberdades civis. A militarização crescente, em geral com o apoio e as armas dos EUA, trouxe um aumento dos gastos com defesa em várias outras regiões, da Índia e Paquistão a Israel, Colômbia e Filipinas. Portanto, enquanto a segurança humana é um conceito promissor, está ao mesmo tempo longe de ser utilizada para substituir o paradigma da segurança nacional em relação ao qual os governos continuam vinculados e comprometidos.

Ironicamente, mesmo com a demonização dos fundamentalistas islâmicos pelo discurso público, a aliança profana entre o Vaticano, os fundamentalistas islâmicos e a direita norte-americana continua trabalhando junta quando se trata de derrubar os direitos humanos das mulheres. Basta olhar os aliados da administração Bush na Cúpula das Nações Unidas sobre a Infância em maio de 2002 – tais como a Santa Sé, Sudão, Líbia, Iraque e outros países do Golfo – para entender que esta aliança está funcionando em termos globais. Precisamos monitorar de perto as conexões entre várias forças anti-feministas “fundamentalistas”, não apenas na ONU, mas também em outras arenas, tais como na elaboração das políticas de saúde globais, ou na aprovação de legislações nacionais contra os direitos das mulheres, em alguns países, com intensa participação de forças externas.

Um claro exemplo de como a administração Bush está buscando enfraquecer o papel da ONU na proteção aos direitos humanos foi o seu esforço para garantir que a Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos, Mary Robinson, não conseguisse permanecer para um segundo mandato. Ela estava entre os primeiros que responderam aos eventos do 11 de setembro, tendo como referência a perspectiva do Direito Internacional, sugerindo que estes atos de terrorismo fossem julgados internacionalmente como crimes contra a humanidade ao invés de serem utilizados como um chamado para a guerra. Entretanto, sua opinião foi rapidamente descartada. Por causa disso, junto com os seus esforços para tornar a Conferência Mundial contra o Racismo um sucesso, apesar do desprezo dos EUA em relação à mesma, a administração Bush se opôs de maneira inflexível a sua recondução.

As mulheres transformaram muitos aspectos da vida ao longo dos últimos 40 anos e hoje vivemos diferente por causa disso. Olhando para o mundo em 2002, porém, temos que nos perguntar o que deu errado: por que as feministas não têm tido um impacto maior em temas globais? Como podemos enfrentar, de maneira mais eficaz, desafios atuais como a

crescente militarização da vida cotidiana, o aumento do uso político do fundamentalismo em toda religião e região, e o crescente abismo entre ricos e pobres?

O que as feministas norte-americanas devem fazer para ajudar as mulheres de outros lugares do mundo não é dirigir sua atenção para os governos estrangeiros, mas sim trabalhar para mudar o nosso governo, a fim de que as políticas e as empresas norte-americanas parem de prejudicar as mulheres no resto do mundo. Como as esferas local/nacional/ doméstica e global/ internacional são em geral vistas como separadas, com frequência temos problemas em determinar que ações locais terão o maior impacto global. O ativismo das mulheres nos EUA deve ser tanto local quanto global, para que tenha sucesso. Devemos caminhar na direção de uma visão afirmativa da paz, tendo os direitos humanos e a segurança humana como temas centrais, ao invés de continuar a agir paliativamente após a sucessão interminável de crises e conflitos gerados por ações masculinas. Este é o nosso desafio.

* Charlotte Bunch é diretora do Center for Women's Global Leadership e Professora da Universidade de Rutgers, New Jersey, EUA.